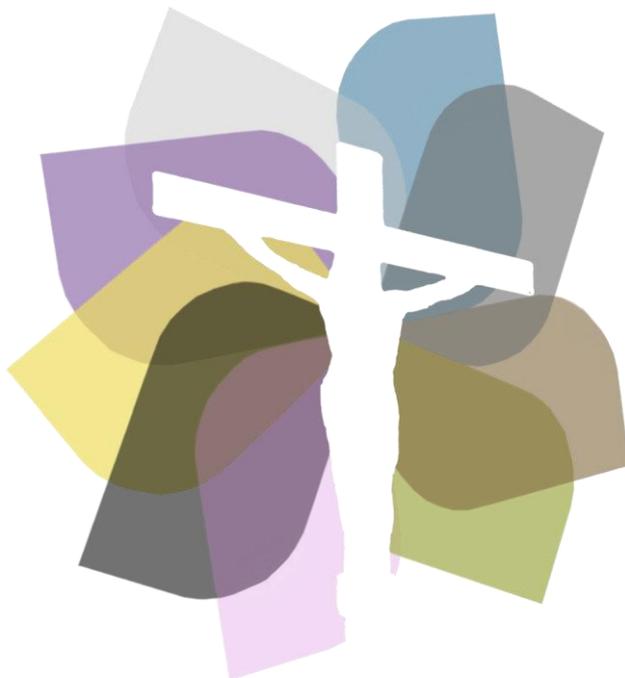


ORIENTAÇÕES DIOCESANAS DE PASTORAL PARA O 3º ANO DA CAMINHADA SINODAL



A beleza de caminharmos juntos em Cristo

AÇORES, 2021 - 2022

Orientações Diocesanas de Pastoral para o 3º ano da Caminhada Sinodal

**Programa e Calendário Diocesano
Açores, 2021-2022**

Sumário3

Aprovação do Programa Pastoral Diocesano 2021/2022.....	5
Programa Pastoral do 3º ano da Caminhada Sinodal.....	7
Temas de trabalho para o 3º ano da Caminhada Sinodal.....	20
Uma Igreja Missionária	20
Uma Igreja integradora	23
Rumo à Jornada Mundial da Juventude	26
Guião para uma Pastoral Social Paroquial.....	33
Calendário Diocesano 2021/22	40
Caminhada Sinodal	48
Oração pela Caminhada Sinodal.....	51
Calendário geral.....	52
Notas pessoais.....	53

PROGRAMA PASTORAL 2021/2022

Aprovação

Entramos no terceiro ano da Caminhada Sinodal com a qual a nossa Diocese, em todas as suas comunidades, movimentos e instituições, pretende convidar todos os baptizados para uma participação activa e consciente na missão da Igreja.

Com o Concílio Ecuménico Vaticano II somos chamados a reconhecer a Igreja como Povo de Deus do qual todos participam pelos sacramentos da Iniciação Cristã, Baptismo, Confirmação e Eucaristia.

Se a única missão da Igreja é Evangelizar, então, sabemos que esta tarefa singular e única compete a todos os membros do Povo de Deus.

É com este objectivo que vamos continuar a experiência de comunhão eclesial e de compromisso comum na edificação de comunidades cristãs nas quais todos os baptizados são chamados a participar na sua missão evangelizadora.

Apesar dos tempos de pandemia que tanto sofrimento e dificuldades trouxeram à vida pastoral das nossas paróquias, vamos, com redobrado esforço, com todos os responsáveis cristãos das nossas paróquias, reedificar o tecido eclesial das nossas comunidades e avançar na reflexão dos temas que nos são propostos para este ano: «Igreja missionária» e «Igreja Pobre com os Pobres».

Teremos ainda de incorporar a reflexão da temática do Sínodo dos Bispos/2022 que versa «Por uma Igreja sinodal, comunhão, participação e missão». Certamente reconhecemos que esta proposta do Santo Padre não só sintoniza com a nossa reflexão de caminhada sinodal mas nos ajuda e alenta a caminhar neste objectivo a que nos propomos de edificar nas comunidades cristãs uma forma de ser em sinodalidade.

Igualmente não poderemos ignorar, muito pelo contrário, somos chamados a acolher e a integrar a preparação das Jornadas Mundiais

da Juventude, Lisboa 2023. Eis, um convite muito especial à participação dos jovens.

Espera-nos um ano pastoral muito intenso, muito rico pastoralmente, muito interpelante e a suscitar a mobilização de todos os baptizados.

Colocamos este ano pastoral sob a protecção de Nossa Senhora, Mãe e Rainha dos Açores e de S. José, no ano a ele dedicado.

Aprovamos o programa pastoral para o ano pastoral de 2021/2022.

João Lavrador, Bispo de Angra e Ilhas dos Açores

PROGRAMA PASTORAL 2021/2022

3º ANO DE CAMINHADA SINODAL

«A alegria de caminharmos juntos com Cristo»

1. Itinerário percorrido

No primeiro ano da caminhada sinodal procurou-se sensibilizar a diocese para caminhada sinodal que se traduz numa exigência que vem do Concílio Vaticano II e que actualmente tem merecido um apelo permanente do Papa Francisco que se vai desenvolvendo nas diversas Igrejas diocesanas.

Fundamenta-se na verdade conciliar da Igreja Povo de Deus, no qual todos os baptizados participam de modo activo e consciente na vida da comunidade cristã e são chamados à autêntica corresponsabilidade na missão da Igreja.

A participação eucarística e a integração na comunidade cristã são essenciais para uma verdadeira Igreja de rosto sinodal.

A par com esta consciencialização e mobilização solicitou-se aos diocesanos, nomeadamente, aos cristãos mais empenhados na vida das paróquias e outras pessoas que se sentiram interpeladas a dar o seu contributo para a renovação da Igreja diocesana, que fizessem uma leitura dos Sinais dos Tempos, penetrando com olhar evangélico a realidade que nos envolve, no domínio da cultura, da sociedade e da Igreja.

O resultado desta reflexão originou o debate na Assembleia Sinodal que se realizou em Outubro de 2020.

Tal como exige o Concílio Vaticano II, a atenção aos Sinais dos Tempos integra-se no ímpeto evangelizador de cada comunidade cristã e de cada cristão.

Neste sentido, a partir dos desafios que se colocam à Igreja e que devem despertá-la para evangelizar em profundidade e com atenção ao homem de hoje, lançou-se um guião que servirá de reflexão e que pretende convocar todos os baptizados para a missão da Igreja que não é outra que evangelizar.

Deste guião constavam cinco temas que dão corpo ao que se exige de uma comunidade cristã para responder à evangelização nos tempos em que vivemos. O primeiro centra-se na Igreja evangelizadora; o segundo trata da Igreja enquanto comunidade cristã promotora de ministérios e serviços eclesiais; o terceiro realça

a evangelização que se realiza em diálogo com o mundo; o quarto responde ao desafio da comunidade cristã e de cada cristão se sentir missionário; o quinto desafia a Igreja a ser pobre com os pobres.

Os três primeiros temas estiveram na reflexão dos membros dos conselhos pastorais, movimentos, grupos, cristãos e outras pessoas interessadas, durante este passado ano pastoral.

Os dois temas restantes serão reflectidos no próximo ano pastoral.

Acresce ainda que, em 17 de Outubro, iniciar-se-á a preparação do Sínodo dos Bispos de 2022 sob o lema «Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão». Por vontade do Papa Francisco, a primeira fase da reflexão será em cada diocese. Para nós, será uma oportunidade para consolidarmos ainda mais a nossa caminhada sinodal e de partilharmos com a Igreja Universal da nossa experiência e das nossas expectativas.

Teremos presentes os desafios que o Papa nos coloca através da celebração do ano dedicado a S. José e o ano de aprofundamento da pastoral da família.

Em caminhada sinodal envolveremos os jovens que se estão a preparar para as Jornadas mundiais, Lisboa/2023. É um acontecimento que marcará fortemente o dinamismo da pastoral dos jovens nas nossas comunidades cristãs.

Reconhecemos que a pandemia que nos tem dificultado a participação e a reunião tem impedido um trabalho pastoral organizado e linear. Por isso, é muito natural que algumas paróquias necessitem de continuar a reflexão dos temas do ano pastoral passado neste próximo.

2. Programa Pastoral 2021/2022

«Igreja Missionária/ Igreja pobre com os pobres»

2.1. Igreja Missionária

Referirmo-nos à Igreja como comunidade cristã missionária implica que todos os baptizados tomem consciência e se disponham a uma conversão pessoal e comunitária de modo a passar de uma Igreja voltada para si mesma, ritualista e sacramental, para um novo dinamismo que deve ser assumido por todos e que coloca o acento na dimensão missionária de todo o Povo de Deus.

Este facto requer uma participação activa e consciente dos baptizados na Eu-

caristia e na vida da comunidade cristã. Porque é na Eucaristia dignamente e autenticamente vivida que brota o dinamismo comunitário e a força evangelizadora e missionária.

a) Participação na Eucaristia que conduz à missão

O Papa S. João Paulo II, na Carta Apostólica «Novo Millenio Ineunte», referindo-se à celebração dominical da Eucaristia, sublinha que «a participação na Eucaristia seja verdadeiramente, para cada baptizado, o coração do domingo: um compromisso irrenunciável, abraçado não só para obedecer a um preceito mas como necessidade para uma vida cristã verdadeiramente consciente e coerente» (nº 36).

A situação actual coloca os cristãos «perante o desafio de testemunharem com mais força, muitas vezes em condições de solidão e hostilidade, os aspectos específicos que os identificam» (nº 36). Aliás, «um deles é a obrigação de participar todos os domingos na celebração eucarística» (nº 36).

Na verdade, «ao congregar semanalmente os cristãos como família de Deus à volta da mesa da Palavra e do Pão de vida, a Eucaristia dominical é também o antídoto mais natural contra o isolamento; é o lugar privilegiado, onde a comunhão é constantemente anunciada e fomentada» (nº 36).

Acrescenta ainda o Santo Padre que «precisamente através da participação eucarística, o dia do Senhor torna-se também o dia da Igreja, a qual poderá assim desempenhar de modo eficaz a sua missão de sacramento de unidade».

Mas a relação da Eucaristia com a missão que se exige de todos os baptizados e de cada comunidade cristã está muito nítida nas palavras do Papa Bento XVI, na Exortação Post – Sinodal «Sacramentum Caritatis», quando refere que «a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão: “Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária” » (nº 84).

Através de uma frutuosa participação na Eucaristia, «havemos, também nós, de poder dizer com convicção aos nossos irmãos: “Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão conosco” (1 Jo 1, 2-3)» (nº 84). Aliás, realça o Santo Padre, «verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos!» (nº 84)

Recorde-se que «a própria instituição da Eucaristia antecipa aquilo que constitui o cerne da missão de Jesus: Ele é o enviado do Pai para a redenção do mundo

(Jo 3, 16-17; Rm 8, 32)» (nº 84).

Daí que «não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens; assim, a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã» (nº 84).

Conclui-se deste modo que para edificar uma comunidade missionária e para alentarmos os baptizados para que se reconhecerem como verdadeiros discípulos missionários, exige-se a participação consciente e frutuosa na Eucaristia.

b) A comunidade cristã é verdadeiramente o agente missionário

Fomos habituados em referir o cristão muito individualmente sem exigir a sua relação intrínseca com uma comunidade cristã.

Isto deve-se a um modo próprio de se sentir cristão mas também às condicionantes culturais do mundo actual. Acentuou-se o individualismo e desvalorizou-se a comunidade.

Em fidelidade ao Evangelho, ao querer de Jesus Cristo, à vida das primeiras comunidades cristãs, à contínua presença na Igreja e no mundo da experiência comunitária, feita num longo período da história da Igreja pelas ordens religiosas e pelas confrarias, e sobretudo à renovação Conciliar do Vaticano II, urge retomar a comunidade como o verdadeiro agente evangelizador e missionário.

Com este acento não se retira em nada o valor do apostolado pessoal, mas sublinha-se a necessidade que mesmo este deve exercer-se sempre por alguém que está em comunhão com os seus irmãos na fé, na participação eucarística e na comunidade cristã.

O Papa Paulo VI, referindo-se à Igreja como missionária em todos os seus membros, afirma que «evangelizar não é para quem quer que seja um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial» (EN, 60). E, acrescenta que «se cada um evangeliza em nome da Igreja, o que ela mesma faz em virtude de um mandato do Senhor, nenhum evangelizador é o senhor absoluto da sua acção evangelizadora, dotado de um poder discricionário para realizar segundo critérios e perspectivas individualistas tal obra, mas em comunhão com a Igreja e com os seus Pastores (EN, 60).

Eis os critérios fundamentais para um rosto missionário das nossas comunidades cristãs.

c) Comunidade de discípulos missionários

O Papa Francisco, entre muitos sonhos que revelam para a Igreja de hoje, destaca este que se refere à missão da Igreja participada por todos os baptizados.

Das suas palavras constatamos que «a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária» (EG, 21); «a Palavra possui, em si mesma, uma tal potencialidade, que não a podemos prever» (EG, 22); e ainda, «a intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão “reveste essencialmente a forma de comunhão missionária”» (EG, 23).

Daí sublinha o Papa Francisco que «fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo» (EG, 23).

O Papa mostra-se atento às dificuldades que experimentam os agentes pastorais no tempo de hoje ao referir que «hoje nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade» (EG, 78).

E, acrescenta-se que «ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização» (EG, 78).

Daí conclui-se que «assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor» (EG, 78). Aliás, estes «são três males que se alimentam entre si» (EG, 78).

Acompanhemos o sonho do Papa Francisco e reconheçamos também nós que «em virtude do Baptismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19)» (EG, 120).

De facto, «cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas acções» (EG, 120).

Aliás, na urgência de uma nova evangelização, esta «deve implicar um novo

protagonismo de cada um dos baptizados».

d) Formar comunidades para a missão

Não tenhamos ilusões que não se vai conseguir sem empenho, persistência e continuidade, reverter o rosto das nossas paróquias e comunidades cristãs. Passar de espaços de consumo religioso, onde se vai quando se necessita ou se tem vontade pessoal, para edificar uma comunidade cristã tal como a Igreja nos exige para os tempos de hoje, não vai ser fácil.

A comunidade cristã é constituída por vários círculos de pertença. Há os cristãos que nela participam activa e conscientemente promovendo a comunhão e a partilha de dons e corresponsáveis pela missão evangelizadora da Igreja, há os praticantes rituais que estão fechados à participação e à missão, há os praticantes ocasionais que ainda têm alguma relação tradicional com a fé cristã, há os festivos que só encontram os outros cristãos por ocasião de festas familiares ou de paróquia, há os indiferentes e afastados que embora se digam católicos não estabelecem qualquer relação com a comunidade cristã e há, ainda, os que nunca ouviram falar de Jesus Cristo e vivem como se Ele não existisse.

Cada um destes grupos de pessoas exige um tratamento próprio da comunidade cristã.

Contudo e, sem ser exaustivo, importa, por parte dos responsáveis pela vida da Comunidade Cristã, dotar o núcleo comunitário ao qual pertence o Conselho Pastoral Paroquial, o Conselho Económico Paroquial, os catequistas, os acólitos, leitores e membros dos grupos corais, os diversos movimentos e grupos de apostolado, de uma experiência de vida cristã que faça evoluir e manifeste uma verdadeira comunidade que se alimenta na Eucaristia e nos demais sacramentos, manifesta laços de profunda comunhão e sente o ímpeto de evangelizar todos os outros que estão em círculos de vida marginais ao Evangelho.

Eis o grande desafio lançado às nossas comunidades cristãs.

e) A missão da Igreja no meio do mundo

Não podemos referir-nos à prioritária missão evangelizadora de todos os baptizados sem termos perante nós o mundo concreto onde se desenvolve a actividade humana, o palco do mundo de hoje, com tantas tragédias e aspirações, alegrias e sofrimentos partilhados por todos os discípulos de Cristo.

Referimo-nos ao âmbito da família, aos jovens, aos idosos, aos trabalhadores nos diversos sectores laborais, às escolas e espaços de cultura e de lazer, às associações e voluntariado social. Manifestam-se como espaços onde o discípulo de Cristo deve estar presente e de forma organizada estabelecer relações de proximidade, de comunhão e de amizade para oferecer o fermento do Evangelho que tudo renova.

2.2. Igreja pobre com os pobres

A Igreja no seu todo e cada comunidade cristã em particular, tal como cada cristão, vão tomando consciência do lugar privilegiado do pobre na evangelização do mundo de hoje. Mas não só do modo como se olha para o excluído, mas sobretudo no modo como a Igreja se despoja de si mesma, dos seus pergaminhos, das suas honras e dos seus apegos mundanos e se identifica cada vez mais ao seu Mestre, Jesus de Nazaré «que não tem onde reclinar a cabeça» (Mt. 8,20).

É precisamente neste contraste com os poderes do mundo que a Igreja se apresenta com capacidade e poder evangelizador.

Tal como afirma S. Paulo apelando à sua experiência «alegro-me nas minhas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por Cristo, pois, quando me sinto fraco, então é que sou forte» (2Cor. 12, 10).

E noutra passagem, Paulo evoca o exemplo de Jesus Cristo para nos convidar a despojarmo-nos de nós mesmos para nos enriquecermos de Cristo. Adverte dizendo «conheceis a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Qual, sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer pela pobreza» (2Cor. 8,9).

Eis um grande desafio que se coloca à comunidade cristã e a cada cristão a começar por todos os que têm responsabilidades de orientar as comunidades, descobrir o mérito e na alegria sentirem-se atraídos para Cristo, o único tesouro capaz de mobilizar todo o ser pessoal e no despojamento ser transparência da única potencia evangelizadora que vem de Deus.

Daí que S. Paulo VI afirme que «a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e colectiva dos homens, a actividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios» (EN, 18).

Sublinhemos desta expressão a força que vem das palavras que rezam «unicamente firmada na potencia divina da mensagem que proclama». Na verdade é

esta confiança que impera no despojamento que devemos alcançar.

a) Comunidade cristã a viver as bem – aventuras

Segundo o texto do Evangelho de S. Lucas, Jesus de Nazaré no início da sua vida pública foi à Sinagoga em Nazaré e, uma vez entre os presentes, foi-lhe apresentado o Livro do profeta Isaías onde se podia ler: «o Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu, para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-Me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos o recobrar da vista, e mandar em liberdade os oprimidos» (Mt. 4,16-18).

Terminada a leitura afirmou: «cumpriu-se hoje mesmo o passo das Escrituras que acabais de ouvir» (Mt, 4, 21).

Este texto caracteriza a missão de Jesus de Nazaré mas igualmente determina o modo de a Igreja exercer a sua missão. Os princípios aqui enunciados são imperativo para todos os discípulos de Jesus Cristo; a sinagoga torna-se o sinal do encontro de Jesus com os seus contemporâneos e por isso, igualmente, a exigência da comunidade cristã se deslocar onde se encontram as pessoas com as suas aspirações; e o hoje determina o tempo da acção evangelizadora que é uma permanente actualidade.

Referir que esta mensagem faz parte do início da vida pública de Jesus quer também convidar-nos a colocá-la nos fundamentos permanentes da missão de todos os baptizados.

Esta mesma centralidade do pobre e o convite ao despojamento feito por Jesus de Nazaré completa-se no sermão das Bem-Aventuras.

Tanto no Evangelho de Mateus como de Lucas, deparamo-nos com a proclamação das Bem – Aventuras imediatamente a seguir ao chamamento dos Apóstolos. Isto significa que após o chamamento, Jesus de Nazaré oferece os critérios pelos quais os seus Apóstolos devem nortear a sua vida e a sua missão.

Nesta proclamação Jesus não só convida a configurar-se consigo mas a assumir uma comunhão com os mais excluídos que leve a introduzir no mundo uma nova ordem de actuação a que chama o Reino de Deus. Verdadeiramente inflamados por este Reino de Deus, os cristãos são chamados a renovar todas as realidades do mundo.

Neste sentido, as Bem – Aventuras começam por referir que são bem – aventurados os pobres que o são no seu íntimo...

Teremos de nos perguntar, então, se tal como Jesus para testificar que o Reino de Deus está no meio de nós podemos afirmar que «a Boa Nova é anunciada aos pobres» (Mt. 11, 5)?

Eis a inquietante pergunta que nos deve acompanhar numa verdadeira missão evangelizadora.

b) Missão evangelizadora a partir do pobre

Não se trata já tão só de realizar algumas acções em favor dos pobres e excluídos mas sim de colocar o marginalizado e o pobre como protagonistas da sua promoção e, sobretudo, aprender a partir das características do despojado como se devem organizar as prioridades da pessoa e sobretudo do cristão.

São muito fortes as expressões do Papa Francisco quando realça que «qualquer comunidade da Igreja, na medida em que pretender subsistir tranquila sem se ocupar criativamente nem cooperar de forma eficaz para que os pobres vivam com dignidade e haja a inclusão de todos, correrá também o risco da sua dissolução, mesmo que fale de temas sociais ou critique os Governos» (EG, 207).

E, acrescenta-se que «facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios» (EG, 207).

Mas o Papa Francisco aprofunda ainda mais a relação do baptizado com o pobre ao afirmar que «para os cristãos, as palavras de Jesus têm ainda outra dimensão, transcendente» (TF, 85). Na verdade, «implicam reconhecer o próprio Cristo em cada irmão abandonado ou excluído (cf. Mt 25, 40.45)» (FT, 85). E, acrescenta-se que «na realidade, a fé cumula de motivações inauditas o reconhecimento do outro, pois quem acredita pode chegar a reconhecer que Deus ama cada ser humano com um amor infinito e que “assim lhe confere uma dignidade infinita”» (FT, 85).

Por fim, «acreditamos que Cristo derramou o seu sangue por todos e cada um, pelo que ninguém fica fora do seu amor universal» (FT, 85).

Aquilo que o Papa refere dirigindo-se a toda a sociedade deve interpelar antes de mais a comunidade cristã. Diz ele que «todo o ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente, e nenhum país lhe pode negar este direito fundamental» (FT, 107).

Aliás, «todos o possuem, mesmo quem é pouco eficiente porque nasceu ou

«cresceu com limitações» (FT, 107). Acrescenta, então o Santo Padre sublinhando que «de facto, isto não diminui a sua dignidade imensa de pessoa humana, que se baseia, não nas circunstâncias, mas no valor do seu ser» (FT, 107). Realmente, «quando não se salvaguarda este princípio elementar, não há futuro para a fraternidade nem para a sobrevivência da humanidade» (FT, 107).

Valem para a Igreja as palavras com as quais o Papa Francisco adverte a sociedade para o verdadeiro encontro e inclusão dos excluídos. Refere que «a promoção da amizade social implica não só a aproximação entre grupos sociais distanciados a partir dum período conflituoso da história, mas também a busca dum renovado encontro com os sectores mais pobres e vulneráveis» (FT, 233).

Coloquemo-nos perante os desafios do Santo Padre como uma forte interpeção à renovação das nossas comunidades cristãs. Façamos nossas as palavras que nos desafiam realçando que «chamada a encarnar-se em todas as situações e presente através dos séculos em todo o lugar da terra – isto mesmo significa “católica” –, a Igreja pode, a partir da sua experiência de graça e pecado, compreender a beleza do convite ao amor universal» (FT, 278).

c) O maior de todos os mandamentos: o amor

O Papa S. João Paulo II, voltado para o novo milénio, do qual já passaram duas décadas, ofereceu-nos um riquíssimo testemunho do que ele próprio apresenta como projecto pastoral para este tempo futuro que já começou. Refiro-me à sua Carta Apostólica Novo Millenio Ineunte.

Quando se refere à urgência da vivência concreta da comunhão que se traduz na caridade afirma que «partindo da comunhão dentro da Igreja, a caridade abre-se, por sua natureza, ao serviço universal, frutificando no compromisso dum amor activo e concreto por cada ser humano» (nº 49). Aliás, «este âmbito qualifica de modo igualmente decisivo a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral» (nº 49).

De facto, «é de se esperar que o século e o milénio que estão a começar hão-de ver a dedicação a que pode levar a caridade para com os mais pobres» (nº 49).

Dado que ninguém pode ser excluído do amor que deve animar a vida de cada baptizado e de cada comunidade cristã, através da opção preferencial por ser pobre e pelos pobres, «testemunha-se o estilo do amor de Deus, a sua pro-

vidência, a sua misericórdia, e de algum modo continua-se a semear na história aqueles gérmes do Reino de Deus que foram visíveis na vida terrena de Jesus, ao acolher a quantos recorriam a Ele para todas as necessidades espirituais e materiais» (NMI, 49).

A par com as tradicionais pobreza, refere-se hoje as novas pobreza que alargaram o leque dos pobres e dos que se encontram no limiar da pobreza. Deste modo, realça ainda o Santo Padre, «o cristão, que se debruça sobre este cenário, deve aprender a fazer o seu acto de fé em Cristo, decifrando o apelo que Ele lança a partir deste mundo da pobreza» (NMI, 50).

Na verdade, «trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade, que já teve inúmeras manifestações nos dois milénios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva» (NMI, 50).

Daí o apelo do Papa quando nos interpela dizendo que «é hora duma nova “fantasia da caridade”, que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna» (NMI, 50).

Eis portanto o maior de todos os desafios quando se sublinha que «devemos procurar que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em sua casa”» (NMI, 50).

Quanto teremos de percorrer na nossa forma de ser comunidade e nas opções que tomamos para que em perfeita fraternidade, os pobres se sintam a partilhar connosco do seu ser e nós com eles dos nossos dons. Eis o caminho para a sociedade de irmãos.

d) Promover o outro como irmão

Vai crescendo a sensibilidade social para a promoção humana, cultural e social de todos os cidadãos.

A par com o socorro imediato através da esmola, importa dedicar tempo e disponibilizarmo-nos para acompanhar as pessoas em carência para as tornar a elas mesmas protagonistas do seu desenvolvimento e do seu futuro.

Pertence-nos a nós enquanto sociedade oferecer os meios materiais, educativos, sanitários, habitacionais, culturais e laborais para que aqueles que padecem de exclusão possam de forma integrada ser sujeitos da sua própria dignidade de

seres humanos.

Requer-se ainda que no interior das comunidades cristãs se implemente o dever dos cristãos para acompanhar aqueles que necessitam desta ajuda.

Ser solidário, oferecendo apenas coisas materiais, é pouco. Urge comprometer-nos como pessoas no acompanhar aqueles que por si sós não conseguem progredir na conquista do seu bem estar e na sua formação integral.

Deste modo sim seremos verdadeira comunidade de irmãos que partilham a vida uns com os outros.

«Sem esta forma de evangelização, realizada através da caridade e do testemunho da pobreza cristã, o anúncio do Evangelho — e este anúncio é a primeira caridade — corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a actual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta» (NMI, 50).

Aliás, «a caridade das obras garante uma força inequívoca à caridade das palavras» (NMI, 50).

3. Preparação do Sínodo dos Bispos 2022

No contexto da nossa caminhada sinodal, somos convidados a participar na preparação do Sínodo dos Bispos 2022 que tem como tema «Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão».

Em comunhão com a Igreja Universal, assinalaremos a abertura da preparação deste Sínodo no próximo dia 17 de Outubro em todas as comunidades paroquiais e participaremos na reflexão que nos for pedida de modo a valorizarmos a caminhada sinodal em que estamos empenhados e oferecermos da nossa experiência e das nossas expectativas o contributo que nos é solicitado para renovar a Igreja para melhor evangelizar o mundo de hoje.

Esta é sem dúvida uma hora de graça para a Igreja e em particular para a nossa Diocese. Mas esta hora também nos responsabiliza para respondermos com generosidade, humildade e coragem aos desafios que nos são colocados para a evangelização nos tempos em que vivemos.

4. Preparação das Jornadas Mundiais da Juventude, Lisboa/2023; o Ano dedicado a S. José; o ano de aprofundamento da Pastoral Familiar.

Em Caminhada Sinodal estamos atentos e envolvidos nos desafios que nos vêm do Santo Padre. Neste sentido continuaremos a valorizar o Ano dedicado a S. José que merece uma atenção privilegiada na missão evangelizadora da Igreja e de cada baptizado.

Igualmente, atenderemos à pastoral familiar ao longo deste próximo ano, valorizando ainda mais o trabalho pastoral que neste domínio se tem realizado na diocese.

E, ainda, os jovens devem merecer uma atenção privilegiada, não só porque a eles lhes pertence o lugar próprio na evangelização e na missão da Igreja, mas sobretudo pelo enriquecimento pastoral que pode advir para as comunidades cristãs da boa preparação das JMJ, Lisboa/2023.

Compete à Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal articular todos os desafios que são colocados por tão variadas iniciativas.

TEMAS DE TRABALHO PARA O 3º. ANO DA CAMINHADA SINODAL

Para uma Igreja Diocesana renovada que responda aos sinais dos tempos

A quem se destina esta reflexão:

A todos os membros da paróquia que se manifestem interessados em participar na renovação da Igreja. Mas sobretudo ao Conselho Pastoral Paroquial, aos grupos, movimentos, instituições e obras apostólicas já organizadas a nível da paróquia e mesmo grupos ou pessoas que queiram organizar-se para fazer esta reflexão. Será oportuno e vantajoso que se proporcionem espaços de diálogo para escutar os que estão fora da prática cristã.

Como organizar o tempo de reflexão:

Até ao final de março de 2022, far-se-á a reflexão a nível paroquial, nos grupos, movimentos e instituições e outros, orientada pelo pároco, o qual convocará o Conselho Pastoral Paroquial para recolher a síntese de respostas.

Até ao final de abril de 2022, reunirá o Conselho Pastoral de cada Ouvidoria, sob a orientação do Ouvidor, que recolherá as respostas de todas as paróquias da respectiva Ouvidoria e as enviará à Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal até 15 de maio de 2022.

I. UMA IGREJA MISSIONÁRIA

1. Formar para a missão

A formação para a missão integra todas as etapas de iniciação e amadurecimento na fé, mas é particularmente incisiva na preparação e receção do sacramento da confirmação, pelo qual o fiel se torna testemunha da fé por palavras e obras

(CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1303). Alimenta-se na comunidade cristã, especialmente no ensino, na vivência dos sacramentos e no serviço.

Essa mesma dimensão deve ser fundamental na formação dos sacerdotes. “A ideia de fundo é que os Seminários possam formar discípulos missionários “enamorados” do Mestre, pastores “com o cheiro das ovelhas” que vivam no meio delas para servi-las e conduzi-las à misericórdia de Deus (CONG. CLERO, O dom da vocação sacerdotal, Intr., n. 3).

A presença de agentes missionários especializados e de outros recursos contribuem para despertar na Igreja Particular a centralidade da vivência missionária. “Nos agentes pastorais, independentemente do estilo espiritual ou da linha de pensamento que possam ter, desenvolve-se um relativismo ainda mais perigoso que o doutrinal. Tem a ver com as opções mais profundas e sinceras que determinam uma forma de vida concreta. Este relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem. É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças económicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão. Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!” (EG, 65).

2. Missão partilhada por todos os batizados

Toda a Igreja é por sua natureza missionária e a obra de evangelização é dever fundamental de todos os batizados. Os Bispos são os primeiros responsáveis pelo anúncio do Evangelho animando a entusiasta colaboração dos fiéis (LG, n. 23). São necessários ministérios diversos, que, suscitados pelo apelo divino no seio da mesma comunidade dos fiéis, devem ser encorajados e cultivados por todos com diligente cuidado; entre estes ministérios, evidenciam-se as funções dos sacerdotes, dos diáconos e dos catequistas. De modo análogo, os religiosos e as religiosas desempenham, quer pela oração quer pela ação, um serviço indispensável para enraizar nos corações o reino de Cristo, fortificá-lo e estendê-lo mais ao longe.

Têm grandíssima importância e são dignos de um interesse particular os leigos. A eles pertence, depois de penetrados do Espírito de Cristo, animar interiormente, à maneira de fermento, as realidades temporais e dispô-las para que se realizem

sempre segundo Cristo (AG, n. 15).

3. Portas abertas para sair ao encontro e deixar entrar

“A Igreja «em saída» é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade” (EG, n. 46).

4. Privilegiar os que estão fora sem esquecer a comunidade de referência

“Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida (EG, n. 49).

Por isso, a comunidade cristã deve promover a formação, cultivar a unidade e fortalecer-se na santidade para que também sirva de atração aos que estão mais longe, como afirmavam os pagãos acerca dos primeiros cristãos: “vede como eles se amam” (TERTULIANO, *Apologeticum*, n. 39, 7).

5. Os novos areópagos para a missão: escolas, empresas, famílias, associações, vida política.

Os espaços onde estão a maior parte dos irmãos já não são as igrejas. O átrio dos gentios aumenta a cada dia. A Igreja diocesana deverá fortalecer a sua presença missionária em todos os espaços, especialmente na formação escolar, na atividade empresarial, nas diversas associações públicas ou privadas, na vida política, junto dos mais pobres e mais afastados. Daqui surge a necessidade e urgência de acompanhar e formar os nossos leigos presentes na secularidade.

Contudo, não basta olharmos para a interioridade. Deve existir a preocupação em atender outras Igrejas, através da partilha de bens e pessoas. “De facto, são marcados com vocação especial aqueles que, dotados de índole natural conveniente e das qualidades e talentos requeridos, estão prontos para empreender o trabalho

missionário, quer sejam nativos quer estrangeiros: sacerdotes, religiosos e leigos” (AG, n. 23).

Questões para aprofundar e aplicar a uma Igreja missionária:

1. Quais os desafios e orientações para que a Igreja Diocesana e as nossas comunidades sejam mais missionárias?

2. Que areópagos merecem o nosso maior empenho e como se deve agir?

II. UMA IGREJA INTEGRADORA, COM OS POBRES E PARA OS POBRES, QUE ESCUTA O GRITO DOS QUE SOFREM

6. Quando, com o equilíbrio e a perspectiva do passar do tempo, se escreva a história e o significado do ministério apostólico petrino de Francisco, e da sua aposta pelos pobres, e por uma Igreja pobre e para os pobres, será a sua característica mais notável, logo manifestada a quando da sua eleição pontifícia. Da mesma forma urge que nos interpelemos sobre os efeitos desta aposta na Igreja da Diocese de Angra e nas formas que encontramos para responder.

7. A opção da igreja pelos pobres, não é moda, também não é opção sociológica, mas uma exigência teológica, pela qual nos reconhecemos como suplicantes da salvação, irmãs e irmãos de todos, mas especialmente dos pobres, prediletos do Senhor.

O significado e a exigência desta Igreja pobre, dos pobres e para os pobres, é em primeiro lugar o compromisso de pastores e fiéis em ser Igreja evangélica, Igreja das Bem-aventuranças, transparente, honesta, verdadeira, pacífica, reconciliadora e reconciliada, humilde, sem narcisismos, pompas, idolatrias ou autocomplacências vãs. Igreja que está para servir, e que é consciente que os destinatários dos seus serviços e da sua misericórdia, são os últimos da sociedade, começando nos das nossas próprias comunidades.

Uma Igreja de e para os pobres é aquela que situa a sua missão samaritana e da caridade no vértice do seu fazer, que escuta o clamor dos pobres e que com eles é convidada a viver em comunhão.

8. A dimensão comunitária do nosso ser, é um eixo fundamental do nosso fazer ao serviço do Reino de Deus e do projeto de transformação social do exercício da caridade. A redescoberta do nosso ser comunitário, é ponto de partida para superar os interesses individuais, e colaborar com o Senhor na construção de um mundo em que a experiência do amor nos permita viver a comunhão e a construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna. A comunidade é o local onde podemos acompanhar e ser acompanhados, onde nos podemos tornar presentes, próximos, onde os que sofrem encontrem consolo, o que se sente excluído experimenta o acolhimento e o carinho. Na comunidade podemos responder ao mandamento de Jesus de dar de comer a quem tem fome (Mc 6, 37) e onde podemos implicarmos no desenvolvimento integral dos pobres, procurando os meios adequados para solucionar as causas estruturais da pobreza.

9. A espiritualidade de comunhão exige que descubramos a nossa identidade e a nossa dignidade pessoal. Esta não se sustenta em fatores económicos, em razões étnicas, em quotas de poder. O seu fundamento radica no mistério da trindade que nos habita e constitui como imagem Sua. Somos seres nascidos da comunhão e destinados à comunhão. Quando isto falha, e isto é um dos vazios da cultura atual, a questão social converte-se numa questão antropológica, e o problema extravasa a questão da pobreza, mas na perda da dignidade que se esconde atrás da pobreza, afetando quem a sofre e quem a gera.

A espiritualidade de comunhão exige que nos consciencializemos para a importância de sermos solidários com a realidade global do mundo, sabendo que cuidar da nossa vida, das relações com a natureza e da casa comum, é inseparável, da justiça e da fraternidade.

A espiritualidade de comunhão exige que vivamos o serviço da caridade, como um serviço de desenvolvimento humano integral. Não estamos no mundo só para dar pão, ou para promover o desenvolvimento económico. Como Jesus no deserto “não só de pão vive o homem” (Mt 4, 4). Além de pão necessitamos da “Palavra”, relação, comunicação, comunhão e sentido. Necessitamos de Deus, e necessitamos uns dos outros, por isso estamos ao serviço do desenvolvimento humano integral, para promover todos os homens e ao homem todo.

10. A comunhão com os que sofrem, leva-nos a reagir perante as injustiças,

conscientes que não basta atender às vítimas, é necessário incidir nas causas e alterar as regras de jogo do sistema económico e social. O Papa Francisco diz "imitar o Bom Samaritano, não é o suficiente, é necessário atuar antes que o homem se encontre com os ladrões, combatendo as estruturas de pecado, que geram ladrões e vítimas".

Questões para aprofundar e aplicar a uma Igreja integradora, pobre, que escuta o grito dos que sofrem:

3. Como é que a Igreja se pode tornar presente no campo social?
4. Que mecanismos a dinamizar para recolher e partilhar os bens?

A Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal,
22 de maio de 2021

RUMO À JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE - LISBOA 2023

O QUE É A JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE?

A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) é um encontro dos jovens de todo o mundo com o Papa. É, simultaneamente, uma peregrinação, uma festa da juventude, uma expressão da Igreja universal e um momento forte de evangelização do mundo juvenil. Apresenta-se como um convite a uma geração determinada em construir um mundo mais justo e solidário. Com uma identidade claramente católica, é aberta a todos, quer estejam mais próximos ou mais distantes da Igreja. Reúne a cada dois, três ou quatro anos como um encontro internacional, milhares de jovens para celebrar a fé e a pertença à Igreja e tem-se evidenciado como um instrumento de evangelização e transformação da Igreja.

É o maior evento da Igreja Católica em todo o mundo.

QUAIS SÃO OS OBJECTIVOS DA JMJ?

Favorecer o encontro pessoal com Jesus que muda a nossa vida;

Redescobrir os Sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia que fortalecem a vida cristã.

Proporcionar uma experiência de Igreja universal e impulsionar a fé, a esperança e a caridade.

Promover a paz, a união e a fraternidade entre os povos e as nações de todo o mundo.

QUE SE FAZ NUMA JMJ?

A JMJ é um caminho que culmina numa celebração com os jovens provenientes de todo o mundo.

Nesta semana, além dos momentos de oração, partilha e lazer, os jovens participam em várias iniciativas em diferentes locais da cidade que acolhe, destacando-se as celebrações que contam com a presença do Papa, tais como a cerimónia de acolhimento e abertura, a via-sacra, a vigília e, no último dia, a missa de envio.

QUEM É O SEU FUNDADOR?

A JMJ's foram criadas por São João Paulo II, em 1986.

COMO SURGIRAM AS JMJ'S?

Dois eventos importantes marcaram a história inicial da JMJ: o Jubileu dos jovens em Roma para o Ano Santo da Redenção, em 1984, quando

João Paulo II entregou a cruz aos jovens em 22 de abril.

Em 1985, acontece o Encontro Mundial dos Jovens, por ocasião do Ano Internacional da Juventude, proclamado pela ONU. O Papa João Paulo II dedicou então uma Carta Apostólica aos Jovens, convidando-os para mais um encontro em Roma: a primeira Jornada Mundial da Juventude, em 1986.

Em 1987, São João Paulo II convoca os jovens para um encontro em Buenos Aires, tornando a JMJ numa peregrinação internacional.

QUANTAS JORNADAS JÁ SE REALIZARAM?

Já se realizaram 15 Jornadas Mundiais da Juventude: Lisboa 2023 será a 16ª JMJ

QUANTOS JOVENS JÁ PARTICIPARAM NAS JMJ'S?

Nas 15 edições já participaram cerca de 22 milhões de jovens de todo mundo.

TEMA JMJ LISBOA 2023

«Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1, 39) é a citação bíblica escolhida pelo Papa Francisco como lema da Jornada Mundial da Juventude que acontecerá em Lisboa, em 2023. A frase bíblica dá início ao relato da Visitação (a visita de Maria a sua prima Isabel), um episódio bíblico que se segue à Anunciação (o anúncio do anjo a Maria de que iria ser a mãe do Filho de Deus e que foi o tema da última JMJ, na Cidade do Panamá).

Partir apressadamente é a atitude com a qual se sintetizam as indicações do Papa Francisco para a próxima JMJ.

DATA JMJ LISBOA 2023

Ainda não é conhecida a data da realização da Jornada Mundial da Juventude - Lisboa 2023. O que se sabe é que será no Verão de 2023.

O anúncio da data da JMJ será feito pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida.

IGREJAS JMJ

Conceito

A ideia de uma “Igreja JMJ” em cada Ouvidoria corresponde à necessidade de criarem-se possibilidades, tempos, espaços e dinâmicas que fomentem e animem a caminhada rumo à Jornada Mundial da Juventude – Lisboa 2023; é também sinal e expressão de proximidade da própria JMJ em cada Ouvidoria.

Para além de toda a dinâmica pastoral que possa vir a ser criada em torno de cada uma destas “Igrejas”, estas pretendem ser pontos de encontro para os jovens se reunirem em oração, em diálogo, reflexão, expressões artísticas, entre outras, particularmente na celebração e vivência dos dias 23 de cada mês, dias especialmente dedicados à JMJ.

As “Igrejas JMJ” devem ser, em cada Ouvidoria, pontos de referência da Jornada.

Possibilidades

A acção, vivências, realizações e alcance de cada uma das “Igrejas JMJ” depende do interesse, valor e dinamismo que lhe for atribuído, não só e apenas pela respectiva comunidade paroquial, mas também pela equipa de Pastoral Juvenil da própria Ouvidoria e, sobretudo, do envolvimento dos jovens, Grupos, Movimentos, Comunidades Religiosas, e outros, da respectiva Ouvidoria, podendo sempre contar com a colaboração do Serviço Diocesano de Apoio à Pastoral Juvenil/Comité Diocesano JMJ.

Poderão ser organizados, não apenas nos dias 23 de cada mês, momentos de Oração, de Adoração, celebrações Eucarísticas, Vigílias, debates, momentos de reflexão e de espiritualidade, catequeses, concertos musicais, entre outros.

Os Tempos Litúrgicos fortes também deverão ser oportunidades a aproveitar.

Poderão organizar-se “peregrinações” de Ouvidoria à respectiva Igreja; uma boa dose de criatividade certamente que muito ajudará.

Igrejas JMJ da Diocese nos Açores
Ouvidoria/Ilha do CORVO
Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres

Ouvidoria/Ilha das FLORES
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Santa Cruz)

Ouvidoria/Ilha da GRACIOSA
Igreja Matriz de Santa Cruz

Ouvidoria da Horta/Ilha do FAIAL
Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Horta)

Ouvidoria/Ilha do PICO
Santuário do Senhor Bom Jesus Milagroso (São Mateus)

Ouvidoria/Ilha de SÃO JORGE
Igreja Matriz de São Jorge (Velas)

Ilha TERCEIRA
Ouvidoria da Praia da Vitória
Igreja de São Miguel (Vila das Lajes)

Ouvidoria de Angra do Heroísmo
Igreja de Santa Luzia (Santa Luzia de Angra)

Ilha de SÃO MIGUEL
Ouvidoria de Lagoa
Igreja Matriz de Santa Cruz (Santa Cruz de Lagoa)

Ouvidoria de Vila Franca do Campo
Igreja Matriz de São Miguel (Vila Franca)

Ouvidoria da Povoação
Igreja de N^ª. Senhora dos Remédios (Lomba do Loução)

Ouvidoria do Nordeste
Igreja de Santo António (Santo António Nordestinho)

Ouvidoria de Fenais de Vera Cruz
Igreja Matriz do Divino Espírito Santo (Maia)

Ouvidoria da Ribeira Grande
Igreja do Santíssimo Salvador do Mundo (Ribeirinha)

Ouvidoria de Capelas
Igreja de Santo António (Santo António)

Ouvidoria de Ponta Delgada
Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Ponta Delgada)

Ouvidoria de Vila do Porto /Ilha de SANTA MARIA
Capela de Nossa Senhora do Ar (Vila do Porto – Aeroporto)

DIAS 23 DE CADA MÊS: “Mês a mês... até 23”

Uma vez que a Jornada Mundial da Juventude se realizará em 2023, embora não havendo, até ao presente, a sua calendarização, desde No-

vembro de 2020, e a nível nacional, todos os dias 23 de cada mês são consagrados à JMJ.

Para além de tudo o que possa ser realizado e vivido naquele dia, trata-se de um dia especial, sobretudo de oração.

Como será bom, interessante e mesmo necessário que, todas as Paróquias, Ouvidorias e Comunidades Religiosas promovam e realizem alguma iniciativa em cada dia 23 do mês, por mais simples ou pequeno que seja há sempre algo que pode ser feito: uma celebração, um momento de Adoração, um momento musical... a criatividade também ditará o que poderá ser feito, contudo, que não se deixe de marcar os dias 23 de cada mês.

DELEGADOS PAROQUIAIS JMJ

Por indicação do COL (Comité Organizador Local), todas as Paróquias devem ter um Delegado Paroquial JMJ.

Que é e missão de um Delegado Paroquial JMJ?

O Delegado Paroquial JMJ é alguém, nomeado pelo Pároco, para o auxiliar na tarefa e missão de promover a Jornada Mundial da Juventude na sua Paróquia;

Deverá ser, a par com o Pároco, o promotor da participação dos jovens da sua Paróquia na JMJ;

É o interlocutor privilegiado entre os Comités Organizadores da Jornada, quer o Local quer o Diocesano e a Paróquia;

É o “sinal” visível da Jornada Mundial da Juventude na sua Paróquia a quem os jovens, grupos e movimentos da Paróquia podem recorrer afim de obterem informações e esclarecerem dúvidas;

É o primeiro dinamizador e impulsionador das iniciativas a levar a cabo no que toca à preparação e vivência da JMJ;

É a pessoa de referência na Paróquia para o Comité Organizador Diocesano;

É um colaborador directo do Comité Organizador Diocesano.

Os Delegados Paroquiais revestem-se de uma importância fundamental em todo o processo de preparação e vivência da Jornada Mundial da Juventude, particularmente no que toca à rede de Comunicação/Informação que se pretende implementar para que as informações possam chegar ao “terreno” de uma forma mais rápida e directa.

As Paróquias que ainda não nomearam o seu Delegado Paroquial, deverão fazê-lo na maior brevidade possível, enviando email ao Comité Diocesano com a respectiva informação.

CATEQUESES PREPARATÓRIAS DA JMJ

Um acontecimento como a Jornada Mundial da Juventude, mais que um fim, deve ser um meio, um caminho, devendo constituir uma oportunidade de evangelização e catequese para os nossos jovens.

Dentro das possibilidades, as Paróquias/Ouvidorias devem programar a realização das Catequeses preparatórias da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023, “Rise up”, que estão publicadas na página oficial da JMJ (lisboa2023.org), no separador “Preparação”, onde podem fazer download das mesmas.

As Catequeses “Rise Up” é que são as Catequeses preparatórias para a Jornada Mundial da Juventude e não as “Say yes”.

JORNADAS DIOCESANAS DA JUVENTUDE

A celebração das Jornadas Diocesanas da Juventude, também conhecidas como Dia Mundial da Juventude, passaram, por decisão do Papa Francisco, a ser celebradas no Domingo de Cristo Rei, que, este ano, ocorre no dia 21 de Novembro de 2021.

PEREGRINAÇÃO DOS SÍMBOLOS DA JMJ

A Cruz e o ícone de Nossa Senhora Salus Populi Romani, símbolos da Jornada Mundial da Juventude, que foi entregue pelo Papa aos Jovens portugueses no dia 22 de Novembro de 2020, fará Peregrinação à nossa Diocese no mês de Junho do próximo ano.

Não havendo ainda a data de chegada e de partida daqueles Símbolos à nossa Diocese, não se pode, para já, estabelecer um itinerário e um programa específico e detalhado, uma vez que, dada a dispersão geográfica da nossa Diocese, terão de ser estabelecidos uma série de contatos e parcerias, recolhendo apoios logísticos, nomeadamente no que às deslocações inter-ilhas diz respeito, tendo em conta as medidas dos Símbolos, nomeadamente da Cruz, que dificulta um pouco a sua mobilidade.

O que está a ser pensado e trabalhado, e todos os esforços estão a ser empreendidos, é no sentido dos Símbolos visitarem todas as Ilhas da Diocese.

PRODUTOS OFICIAIS JMJ

Foi disponibilizado nas redes sociais da Pastoral Juvenil da nossa Diocese um formulário de encomenda online onde qualquer pessoa pode comprar/encomendar produtos JMJ.

Adquirir estes produtos através do Comité Diocesano, além dos mesmos serem mais baratos, estão a colaborar com a própria Jornada, uma vez

que o lucro dos produtos é distribuído pelo COL e por todos os COD'S.

Alguns produtos estarão disponíveis na Livraria Diocesana em Angra e Ponta Delgada.

ENCONTRO NACIONAL DO COL COM OS COD'S

Entre os dias 17 e 19 de Setembro 2021, a nossa Diocese acolhe a reunião nacional do COL (Comité Organizador Local) com todos os COD'S (Comités Organizadores Diocesanos).

O encontro decorrerá na ilha de São Miguel.

BEATO JOÃO BAPTISTA MACHADO PROPOSTO PARA PATRONO DA JMJ

O Beato João Baptista Machado foi proposto pelo Comité Organizador Diocesano para Patrono da JMJ, uma vez que é o único cristão açoriano que já atingiu a honra dos altares, ainda que como beato.

Deseja-se que esta possa ser uma ocasião propícia de dá-lo mais a conhecer, principalmente entre os jovens, apressando assim a sua canonização!

PARTILHAS

Sempre que se realize algum evento de Pastoral Juvenil pelas nossas Paróquias, Ouvidorias e ilhas, que partilhem fotos nas redes sociais da Pastoral Juvenil, que se faça uma pequena notícia, acompanhada de fotografias para ser publicado no suplemento "Afetos" que é da Pastoral Juvenil de toda a Diocese.

É pena que não se conheça nem se dê a conhecer ao todo diocesano e nacional o muito que se tem feito e se faz com os jovens da nossa Diocese.

CONTATOS COM COMITÉ DIOCESANO

Todos os contatos que tenham haver com a Jornada Mundial da Juventude deverão ser feitos através do e-mail angra@lisboa2023.

ALGUMAS QUESTÕES PARA APROFUNDAR

1. Como valorizamos o percurso de preparação para a JMJ 2023?
2. Que dinâmicas estamos a implementar ou, podemos implementar a nível paroquial e de Ouvidoria? Como reforçar estas dinâmicas?
3. Em que devemos insistir mais, sobretudo a nível de mentalidade?
4. Que aspetos concretos podemos valorizar e reforçar para continuar e melhorar o nosso caminho?
5. Que protagonismo damos, ou queremos dar aos jovens das nossas comunidades?

GUIÃO PARA UMA PASTORAL SOCIAL PAROQUIAL

Síntese

Pela fraternidade social, vamos humanizar o rosto das comunidades paroquiais dos Açores, no serviço aos outros, na partilha e na distribuição.

“Nestes momentos em que tudo parece diluir-se e perder consistência, faz-nos bem invocar a solidez, que deriva do facto de nos sabermos responsáveis pela fragilidade dos outros na procura de um destino comum.

A solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros.

O serviço é, «em grande parte, cuidar da fragilidade. Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo».”

(Fratelli Tutti (115), Papa Francisco, 2020)

1. Apresentação

O presente Guia foi elaborado pelo Serviço Diocesano da Pastoral Social com o objetivo de contribuir para a criação ou ativação de uma Pastoral de proximidade.

A Pastoral de Proximidade reflete o sentido de serviço, enquanto cuidado dos mais frágeis, um dos alicerces de toda e qualquer comunidade paroquial. “O serviço fixa sempre o rosto do irmão, toca a sua carne, sente a sua proximidade e, em alguns casos, até “padece” com ela e procura a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas» (Fratelli Tutti, 115)

Cuidar dos mais frágeis é acolher as suas necessidades e com eles procurar respostas, na comunidade paroquial e/ou junto das entidades, públicas ou privadas, de modo a libertar a pessoa da condição ou da situação de carência em que se encontra.

Para concretizar esta missão de “serviço de proximidade”, as comunidades paroquiais devem organizar-se, mantendo em permanência uma resposta de acolhimento, acessível, capaz de mobili-

zar esforços e ligar respostas. O mais importante é ouvir, escutar e quebrar o silêncio de quem perdeu recursos, sentido da vida ou esperança de melhores dias.

Como fazer? Por onde começar?

Vamos juntos pensar uma estratégia, para que a Igreja dos Açores se torne mais próxima dos mais necessitados.

2. O que é a Pastoral Social?

Todas as comunidades paroquiais estão organizadas por áreas de serviço. A Pastoral da liturgia, da catequese, do batismo, do catecumenato, familiar, da saúde ou da música, são algumas das áreas que as comunidades organizam e onde os leigos são parte integrante.

E o que dizer da Pastoral Social?

A Pastoral Social é ou deveria ser o rosto humano de cada comunidade paroquial.

A resposta social da Igreja, como comunidade dos crentes, insere-se no espírito da Doutrina Social da Igreja e este resume-se à Caridade.

“Todos os compromissos decorrentes da doutrina social da Igreja «derivam da caridade que é – como ensinou Jesus – a síntese de toda a Lei (cf. Mt 22, 36-40)». Isto exige reconhecer que «o amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor».”(Fratelli Tutti, 181, Papa Francisco)

3. A Pastoral Social na Paróquia

Em todas as comunidades há pessoas e famílias que passam ou sentem dificuldades que as impede de viver, com um mínimo de estabilidade, seja por causa do desemprego ou da inatividade, da doença ou da velhice, da falta de oportunidades de emprego ou dos recursos necessários para concluir a sua formação académica.

Assim, um serviço de Pastoral Social, enquanto resposta de acolhimento de pessoas e famílias em situação de dificuldade, deve ser capaz de conhecer e identificar essas e outras situações, em cada paróquia e verificar se estão ou não a ser acompanhadas por serviços do Estado ou recebem ajudas de associações de solidariedade ou, se pelo contrário, escondem-se por detrás da vergonha.

A Pastoral Social corresponde à dimensão social do anúncio do Evangelho, traduzida no pensamento social cristão, às preocupações e às intervenções da Igreja relativas à transformação da realidade para que possamos viver num mundo mais justo e mais fraterno.

A Pastoral Social insere-se na mensagem do Evangelho, em particular, na ação de Jesus Cristo perante os que são doentes, excluídos, abandonados, portadores de deficiência, que são objeto de gestos de cura.

Mas não basta “curar” as manifestações de necessidade, é importante perceber as desigualdades e injustiças que estão por detrás das necessidades identificadas.

Há uma frase antiga que dizia que, se “vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar”.

E é nesta consciência crítica que reside a motivação para a ação da Pastoral Social. Ser capaz de VER, JULGAR E AGIR.

Quando uma comunidade paroquial não vê (não conhece), dificilmente consegue julgar ou avaliar as necessidades existentes e muito menos atua em conformidade. E, sem esta atitude, a comunidade não é inclusiva, não partilha tudo em comum, porque não integra aqueles que, por motivos vários, não se aproximam, não se sentem acolhidos, porque vivem dificuldades não resolvidas.

A comunidade paroquial não pode ignorar os seus irmãos mais fragilizados.

Vamos caminhar juntos por um serviço de acolhimento/atendimento em cada paróquia.

4. Como organizar a Pastoral Social na Paróquia?

PRIMEIRO PASSO:

Ativar ou criar um núcleo de Pastoral Social

Se não existe nenhum grupo ou movimento ativo na paróquia, vocacionado para a Pastoral Social, então a comunidade, através do seu pároco, deve procurar reativar ou então criar um núcleo de Pastoral Social, com pessoas de boa vontade, disponíveis para “cuidar dos irmãos mais frágeis”. É importante envolver os paroquianos disponíveis para o voluntariado social, em especial os jovens.

SEGUNDO PASSO:

Conhecer e caracterizar

Algumas das perguntas que devemos colocar, de início?

1. Quem é que precisa de ajuda?
2. Quem é que pede ajuda?
3. Onde é que está o problema?

As paróquias poderão ter registo de pedidos de ajuda:

- Através dos movimentos ou grupos ativos na paróquia;
- Do serviço de apoio aos doentes e pessoas idosas;
- Do conhecimento do pároco...

1. Importa criar um registo único, com as informações provenientes das várias fontes, obtendo-se assim uma base de dados onde conste o histórico e a atualização das situações de carências das famílias e respetivos pedidos de apoio.

2. Validar as reais necessidades das situações sinalizadas.

3. Fazer um levantamento das pessoas e famílias e das necessidades, bem como registar os apoios já facultados, os serviços contactados ou a contactar, os recursos disponíveis para dar resposta a essas situações.

TERCEIRO PASSO:

Validar o registo de pedido de ajuda com outras entidades

Para evitar sobreposição de intervenções e promover a complementaridade, o núcleo de Pastoral Social paroquial deverá:

1. Agir de imediato - perante situações de urgência/emergência social;

2. Reunir com as entidades locais (junta de freguesia, serviço da Segurança Social; IPSS e outras entidades/movimentos de solidariedade) que trabalham na área da paróquia;

3. Identificar a área de atuação de cada entidade, de forma precisa e complementar, e agir de forma concertada de modo a melhorar a qualidade de vida das pessoas e famílias e promover a sua auto-nomização.

QUARTO PASSO:

Acompanhar as situações sinalizadas

Não basta agir de imediato (apagar fogos), é preciso acompanhar e ser uma porta sempre aberta para quem precisa de ajuda e, sobretudo, para quem pensa em desistir de lutar.

1. O serviço da Pastoral Social paroquial deve manter um acompanhamento permanente (telefônico, presencial), que reforce as competências e ajude nas soluções, em cooperação com as pessoas/famílias apoiadas.

2. Procurar junto da comunidade paroquial, nos paroquianos, ajudas concretas para situações concretas, por exemplo quando surge necessidade de facultar apoio jurídico, psicológico, médico, educativo, ou simplesmente a necessidade de um voluntário que possa visitar um idoso isolado ou uma pessoa acamada.

3. É importante estimular o voluntariado social e promover um banco de voluntários para ações na comunidade, periódicas ou pontuais.

QUINTO PASSO:

Avaliar em permanência a ação da Pastoral Social paroquial

O apoio às famílias deve contribuir para a construção de soluções duradouras, que promovam a autonomia da pessoa ou família que é ajudada.

Para além das ações de emergência/urgência, importa que o serviço da Pastoral Social paroquial:

1. Reúna com periodicidade para avaliar o trabalho realizado, das dificuldades e das iniciativas não concretizadas;

2. Mantenha o registo das ajudas prestadas e avalie os casos que, reiteradamente, mantêm a condição de fragilidade e de pedido de ajuda;

3. Atualize o registo de famílias e/ou pessoas que ainda não foram objeto de ajuda e procure a melhor solução para esses casos, acionando a relação com as entidades locais e outros parceiros da comunidade paroquial.

4. Promova em permanência o espírito de voluntariado na comunidade.

SEXTO PASSO:

Envolver a comunidade paroquial

Respeitando o sigilo e o direito à privacidade de cada pessoa ou família que possa estar ou vir a ser ajudada no âmbito da Pastoral Social paroquial, este serviço deve promover a divulgação junto da comunidade das necessidades de ajuda/apoios concretos.

Não basta apenas solicitar essa generosidade no Natal ou em tempos de peditório. É importante manter a comunidade ativa, alerta e atenta aos que mais precisam.

Todas as comunidades paroquiais têm, no seu seio, potenciais voluntários ou pessoas de boa vontade com competências que podem fazer a diferença na vida dos irmãos mais fragilizados.

Há que mobilizar esses recursos, esses dons e a solidariedade de todos.

A Pastoral Social não pode depender da boa vontade de um pequeno grupo de pessoas, por vezes envelhecido, que corporiza essa ação na comunidade;

A Pastoral Social, deve ser o rosto humano da comunidade, envolvendo jovens, homens e mulheres, ativos e inativos, pessoas com qualificações especializadas e pessoas com experiência de vida.

Para além disso, os voluntários são o veículo de ligação às empresas, associações, existentes na comunidade paroquial e que, por isso, podem ser resposta em situações de carência, mobilizando recursos, soluções, equipamentos, angariando bens de desgaste diário, entre outros.

Banco de recursos

É frequente as paróquias receberem dádivas (bens materiais, roupas, livros, mobiliário, ajudas técnicas).

Se não existir na comunidade um banco de apoio, para onde estes bens possam ser encaminhados e depois requisitados/solicitados aquando das ajudas a prestar, então há que organizar esses bens, num “banco de dádivas” e utilizar de forma concertada, na ação a desenvolver junto das famílias.

O espírito do Serviço da Pastoral Social deve sempre ser de trabalhar em cooperação e não em sobreposição.

Um banco de recursos é também uma forma de contribuirmos para uma sociedade mais sustentável, com menos desperdício, reutilizando, reciclando e reaproveitando recursos.

5. Em síntese: a Pastoral Social paroquial é o rosto humano da comunidade

Um grupo da Pastoral Social tem um papel evangelizador, ecumênico e integrador das diferentes expressões religiosas que possam existir na comunidade local.

A Pastoral Social deve contribuir para um processo de inclusão social das periferias.

O espírito que preside a este pequeno guião mergulha nas orientações do Papa Francisco, inscritas na encíclica “Todos irmãos” (3 Outubro 2020).

Somos todos irmãos e seremos testemunhas desta fraternidade se, as nossas comunidades paroquiais forem ativas e eficazes na resposta aos que mais precisam de gestos de Amor.

“O Amor implica algo mais do que uma série de ações benéficas.

As ações derivam duma união que propende cada vez mais para o outro, considerando-o precioso, digno, aprazível e bom, independentemente das aparências físicas ou morais.

O amor ao outro por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida.

Só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos. “(Fratelli Tutti, 94, Papa Francisco)

Calendário Diocesano 2021/2022

Setembro

- 01 - Quarta Feira - Dia de oração pelo cuidado da criação
- 05 – Domingo - Festa do Senhor Santo Cristo da Caldeira – S. Jorge – santuário diocesano
- 06 - Segunda Feira - Congresso Internac. Eucarístico (5-12)
- 12 – Domingo - Festa de Nossa Senhora dos Milagres da Serreta – santuário diocesano
- 13 - Segunda Feira - Formação Permanente do Clero e apresentação do programa do ano pastoral (Vigaria do Centro – Seminário Maior de Angra, das 10h às 17 horas)
- Encontro com os leigos responsáveis das paróquias, às 20h30, no Seminário Maior de Angra
- 15 - Quarta Feira - Formação Permanente do Clero e apresentação do programa do ano pastoral (Vigaria do Ocidente, Madalena, das 10h às 17 horas)
- Encontro com os leigos responsáveis das paróquias, às 20h30 - Madalena
- 17 - Sexta Feira - Comité Nacional das Jornadas M. Juventude – Ponta Delgada (17-19)
- Formação Permanente do Clero e apresentação do programa do ano pastoral (Vigaria do Nascente, no Centro Pastoral Pio XII, das 10h às 17 horas)
- Encontro com os leigos responsáveis das paróquias, às 20h30 – C. P. Pio XII - Ponta Delgada
- 20 - Segunda Feira - Entrada dos seminaristas - Angra
- 21 - Terça Feira - Celebração de abertura do ano lectivo no Seminário Maior - Angra
- 22 - Quarta Feira - Início do ano letivo no Seminário – Angra
- Representantes da Catequese de S. Miguel – C. P. Pio XII
- 23 - Quinta Feira (23-24) - Jornadas da Comunicação Social (Fátima)
- 24 - Sexta Feira - Início do «ano cursilista» - Angra
- 26 - Domingo - Eleições para as autarquias locais

Outubro

- 04 - Segunda Feira - Dia diocesano do diaconado permanente
- 05 - Terça Feira - Conselho Presbiteral – Ponta Delgada (5-7)
- 06 - Colégio de Consultores - Ponta Delgada
- 08 - Sexta Feira - Escola do M. C. Crisandade – Angra
- 13 - Quarta Feira - Celebração da Eucaristia na Abertura do Ano Académico
- 14 - Quinta Feira - Jornadas de Formação em Catequese – Povoação (14-15)
- Convívio das comunidades do caminho Neo-Catecumental na Terceira e Graciosa (14-17)
- 17 – Domingo - Celebração diocesana na abertura do Sínodo dos Bispos/2023 - Por Uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão
- 18 - Segunda Feira - III Encontros de Reflexão – Ouvidoria da Praia da Vitória (18-20)
- 21 - Quinta Feira - Convívio das comunidades do caminho Neo-Catecumental em São Miguel (21-24)
- 22 - Sexta Feira - Início das Celebrações do Quingentésimo aniversário do Terramoto de Vila Franca do Campo - Vila Franca
- 24 - Domingo - Dia mundial das Missões
- 26 - Terça Feira - Conselho Episcopal Diocesano
- 28 - Quinta Feira - Convívio das comunidades do caminho Neo-Catecumental no Pico (28-31)
- 29 - Sexta Feira - Ulteira – MMC – Fontinhas
- 30 - Sábado – Vigília de oração pela semana dos seminários
- 31 - Domingo (31- 07) - Semana dos Seminários

Novembro

- 01 - Segunda Feira - Solenidade de Todos os Santos
- Instituição no ministério de Leitores
- 02 - Terça Feira - Comemoração dos Fiéis Defuntos - Sufrágio pelos Bispos, Presbíteros e Diáconos da Diocese
- 03 - Quarta Feira - Dia da Diocese
- 08 - Segunda Feira (08-11) - Reunião da Conferência Episcopal
- Retiro para padres diocesanos (Prado) – Fátima (8-12)
- 09 - Terça Feira - Aniversário do Seminário Maior

- 12 - Sexta Feira - Escola do M. C. Crisandade – Angra
- 14 - Domingo - Dia do Pobre
- 18 - Quinta Feira - Jornadas de Formação em Catequese –Nordeste (18-19)
- 20 – Sábado (20 e 21) - Encontro com os serviços e movimentos apostólicos diocesanos – Angra
- Centenário da ordenação episcopal de D. José da Costa Nunes – Horta
- 21 - Domingo - Domingo de Cristo Rei do Universo –
- Jornada diocesana da Juventude
- 22 - Segunda Feira - Anúncios do Advento no Caminho Neo-Catecumenal – S. Miguel, Terceira, Pico e Graciosa (22-26)
- 26 - Sexta Feira - Recolecção de Advento para o Clero da Vigararia do Ocidente, das 10 horas às 17 horas, na Horta
- Ulteria – MCC – Biscoitos
- 28 - Domingo - 1º Domingo do Advento –
- 29 - Segunda Feira - Recolecção de Advento Clero da Vigararia do Centro, das 10 horas às 17 horas, no Seminário Maior - Angra
- Centenário da ordenação episcopal de D. José da Costa Nunes – Pico

Dezembro

- 01 - Quarta Feira - Recolecção de Advento Clero da Vigararia do Nascente, das 10 horas às 17 horas, no Centro pastoral Pio XII (Ponta Delgada)
- 07 - Vigília da Imaculada Conceição
- 08 - Quarta Feira - Solenidade da Imaculada Conceição – Conceição (Angra) – santuário diocesano
- Encerramento do Ano de São José
- 09 - Quinta Feira - Jornadas de Formação em Catequese –Fenais de Vera Cruz – Maia (9-10)
- 10 - Sexta Feira - M.C. Crisandade – Recolecção de advento
- 13 - Segunda Feira - Santa Luzia
- 24 - Sexta Feira - Vigília do Natal do Senhor
- 25 - Sábado - Solenidade do Natal do Senhor
- 26 - Domingo - Domingo da Sagrada Família de Nazaré
- 31 - Sexta Feira - Te Deum pelo final do Ano 2021

Janeiro

- 01 – Sábado - Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus e Dia mundial da Paz
- 02 – Domingo - Solenidade da Epifania do Senhor
- 09 - Domingo - Festa do baptismo do Senhor
 - Infância Missionária – Povoação
- 14 - Sexta Feira - Escola dos C. Crisandade – Angra
- 15 - Sábado - Santo Amaro
- 18 - Domingo - Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (18-25)
- 21 - Sexta Feira - Encerramento 1º. Semestre - Seminário
- 22 - Sábado - Jornadas de formação em catequese – Vila do Porto
Abertura das catequeses iniciais nas paróquias onde está o Caminho Neo-catecumenal (21-23)
- 23 - Domingo - Dia da Palavra de Deus
 - Infância Missionária – Vila do Porto
- 24 - Segunda Feira (24 – 28) - 1º Turno de Retiro para o Clero – (Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada)
- 27 - Quinta Feira - Primeiro escrutínio nas comunidades Neo-catecumenais de S. Miguel (27-30)
- 28 - Sexta Feira - MCC - Ultraia – Fontinhas
 - Festa de S. Tomás de Aquino - Seminário
- 29 - Sábado - Encontro Nacional de Referentes da Pastoral da Cultura (Fátima)
- 31 - Segunda Feira (31-04) - 2º Turno de Retiro para o Clero – Angra (Santa Catarina)

Fevereiro

- 02 - Quarta Feira - Dia do Consagrado
- 04 - Sexta Feira - Abertura das catequeses iniciais em paróquias novas relativamente ao Caminho Neo-Catecumenal (4-8)
- 05 - Sábado - Termina o período de exames do 1º semestre – Seminário
- 07 - Segunda Feira - Jornadas de formação em catequese – Capelas (7-8)
- 08 - Terça Feira - Conselho Episcopal Diocesano
 - Início do 2ª. semestre – Seminário

- Jornadas de Pastoral Litúrgica – Flores (8-10)
- 11 - Sexta Feira - Dia Mundial do Doente
- 13 - Domingo - Celebração anual do Cabido
- 18 - Sexta Feira - Etapa da Traditio Simboli na paróquia das Capelas (18-20) - São Miguel
- 22 - Terça Feira - Anúncio da Quaresma em S. Miguel, Terceira, Pico e Graciosa pela Caminho Neo-Catecumenal (22-25)
- 25 - Sexta Feira - Recolecção de Quaresma para o Clero da Vigararia do Ocidente – Madalena
- Ulteia – MCC – Biscoitos

Março

- 02 - Quarta Feira - Celebração do início da Quaresma (Cinzas)
- Recolecção da Quaresma para o Clero da Vigararia do Centro – Seminário Maior de Angra
- 03 - Quinta Feira - Recolecção da Quaresma para o Clero da Vigararia do Nascente – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
- 05 - Sábado - Início das Romarias em Vila Franca do Campo
- 06 - Domingo - 1º Domingo da Quaresma
- 07 - Segunda Feira - Retiro da Conferência Episcopal (07-11)
- Jornadas Bíblicas nas Ilhas Terceira, Pico e Faial (7-12)
- 09 - Quarta Feira - Jornadas de Pastoral Litúrgica – Horta (9-11)
- 11 - Sexta Feira - Escola do MCC – Terceira
- 14 - Segunda Feira - Jornadas de formação em catequese – Ponta Delgada – C. P. Pio XII (14-15)
- 19 - Sábado - Festa de São José
- 23 - Quarta Feira (23 a 25) - V Jornadas de Teologia – Seminário Maior – Angra
- 25 - Sexta Feira - Solenidade da Anunciação do Senhor
- Ulteia – MCC – Fontinhas
- 26 - Sábado - Iniciativa 24 horas para o Senhor (25-26)
- 30 - Quarta Feira - Jornadas de Pastoral Litúrgica – Pico – (30-1)

Abril

- 01 - Sexta Feira - Convívio final das catequizações do Caminho Neo-Catecumenal
- 08 - Sexta Feira - M. C. Crisandade – Recolecção da quaresma

- 10 - Domingo - Domingo de Ramos
- 11 - Segunda Feira - Renovação das Promessas sacerdotais para o clero da Vigararia do Nascente (Matriz Ponta Delgada – 12 horas)
- 12 - Terça Feira - Renovação das Promessas sacerdotais para o clero da Vigararia do Ocidente (Matriz da Madalena – 12 horas)
- 13 - Quarta Feira - Missa Crismal e Renovação das Promessas sacerdotais para o clero da Vigararia do Centro (Sé de Angra- 20 horas)
- 14 - Quinta Feira - Celebração da Ceia do Senhor
- 15 - Sexta Feira - Celebração da Paixão e Morte do Senhor
- 16 - Sábado - Celebração da Vigília Pascal
- 17 - Domingo - Celebração do Domingo da Ressurreição
- 18 - Segunda Feira - Formação em «liderança pastoral – S. Mateus do Pico (18-22)
- 21 - Quinta Feira - Jornadas de formação em catequese – Lagoa – (21-22)
- 22 - Sexta Feira - Iniciação na oração nas paróquias das Lajes e Conceição – Terceira (22-24)
- 23 – Sábado - Crismas – Pico (23-24)
- 24 - Domingo - Festa dos Pescadores em honra de São Pedro Gonçalves Telmo - Vila Franca do Campo
- 25 - Segunda Feira - (25 -28) - Conferência Episcopal
- 29 - Sexta Feira - Ultraia – MCC – Biscoitos
- Convívio em Santa Cruz da Graciosa do Caminho Neo – catecumenal (29-30)
- 30 - Sábado - Crismas – Faial (30-1)

Maio

- 01 - Domingo – Crismas na Praia da Vitória (1-13)
- Semana de Oração pelas Vocações (1-8)
- 03 - Terça Feira (03-05) - Encontro dos Padres mais novos (Flores)
- 06 - Sexta Feira – Escola do MCC – Terceira
- 07 - Sábado - Vigília de oração pelas vocações
- 08 - Domingo - Instituição no Ministério de Acólitos
- Semana da Vida (8-15)
- Festa de São Miguel Arcanjo, padroeiro da Ilha de São Miguel - Vila Franca do Campo

- 10 - Terça Feira - Conselho Episcopal Diocesano
- Jornadas de formação em catequese – Vila Franca do Campo – (10-11)
- 14 – Sábado - Crismas na Ouvidoria de Angra (14-19)
- 15 - Domingo - Dia Mundial da Família
- 20 - Sexta Feira (20 – 22) - Celebrações do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Ponta Delgada)
- 22 - Domingo - Dia do padroeiro da Diocese (Beato João Baptista Machado)
- 24 - Terça Feira - Crismas na Ouvidoria de Angra (24-31)
- 27 - Sexta Feira - Encerramento do «ano cursilhista- Terceira
- 29 - Domingo - Solenidade da Ascensão do Senhor e
Jornada mundial das Comunicações Sociais

Junho

- 01 - Quarta Feira - Crismas na Ouvidoria de Angra (1-7)
- 03 - Sexta Feira - Encerramento do 2º. Semestre – Seminário
- 04 - Sábado - Jornadas da Pastoral da Cultura (Fátima)
- Vigília de Pentecostes - Crismas na Sé
- 05 - Domingo - Solenidade do Pentecostes - Crismas na Sé
- 06 - Segunda Feira - Dia da Região Autónoma dos Açores
- 09 - Quinta Feira - (09-11) – Assembleia Diocesana Sinodal – Ponta Delgada
- 10 - Sexta Feira - Caminho Neo-catecumenal - Segundo escrutínio nas paróquias de S. Roque e S. João – Pico (10-12)
- 12 - Domingo- Festa da Santíssima Trindade
- 13 - Segunda Feira - Crismas na Ouvidoria de Angra (13-15)
- 16 - Quinta Feira - Solenidade do Corpo de Deus
- 18 - Sábado - Enceramento do ano letivo – Seminário
- Crismas – Graciosa (18-19)
- 20 - Segunda Feira - (20 - 22) - Jornadas de Estudo da Conferência Episcopal Portuguesa
- 24 - Sexta Feira - Solenidade do Sagrado Coração de Jesus
- Celebração dos Jubileus Sacerdotais (Sé- Angra)
- 26 - Domingo - Encerramento do Ano "Família Amoris Laetitia" - X Encontro Mundial das Famílias
- 27 - Segunda Feira - Encontro de Ouvidores da Vigararia do Ocidente – Flores

Julho

01 - Sexta Feira - 60º aniversário da elevação a Santuário do Senhor Bom Jesus Milagroso da Igreja Paroquial de São Mateus da Ilha do Pico

- Crismas – S. Jorge (1-3)

- Colóquio nos 60 anos do Santuário do Senhor Bom Jesus Milagroso: "O Senhor Bom Jesus Milagroso do Pico: Olhares sobre uma Devoção" - Pico

06 - Quarta Feira - Jornadas de formação em catequese – Ribeira Grande – (6-7)

12 - Terça Feira - XV Jamboree Açoreano – CNE – Terceira (12-17)

16 - Sábado - Nossa Senhora do Carmo

24 - Domingo - Dia Mundial dos Avós e Idosos

Agosto

06 - Sábado - Festa do Bom Jesus Milagroso (Pico)

15 - Segunda Feira - Solenidade da Assunção da Virgem Maria

28 - Domingo - Festa do Senhor Bom Jesus da Pedra - Vila Franca do Campo

CAMINHADA SINODAL

O que significa?

A palavra «sínodo» ou «sinodal» significa caminhar em conjunto. Por isso, com a caminhada sinodal pretende-se desafiar cada comunidade cristã a que desperte todos os baptizados para a sua participação activa na Eucaristia e a partir dela na missão evangelizadora da Igreja.

Sinodalidade designa o estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja como Povo de Deus. Trata-se de um estilo de viver corresponsavelmente, manifestando o carácter peregrino e histórico da Igreja.

Sinodalidade designa as estruturas e processos eclesiais nos quais a natureza da Igreja se expressa, como por exemplo os conselhos e assembleias paroquiais.

Sinodalidade designa a realização pontual dos acontecimentos sinodais que envolvem todo o Povo de Deus, para discernir o caminho e tomar decisões concernentes à missão evangelizadora.

É uma ocasião propícia para assumir a missão como um propósito e a sinodalidade como um método. Estamos chamados a uma conversão sinodal.

É tempo para, à luz do Evangelho e sob a inspiração do Espírito Santo, caminhar na renovação da Igreja, integrando a opinião de todos os baptizados e deixando-se interpelar pelos Sinais dos Tempos.

É tempo para a criatividade, despertando iniciativas inovadoras, à luz do Evangelho.

O que se pretende com a caminhada?

Pretende-se ser fiel ao Concílio Vaticano II que apresenta a Igreja como Povo de Deus, cujos membros têm igual dignidade pelo Baptismo, e são corresponsáveis pela missão evangelizadora da Igreja.

Tem como objectivo a renovação de cada uma das comunidades cristãs, paróquias, serviços, carismas, movimentos, organismos de

apostolado e conselhos pastorais, através de iniciativas que despertem todos os que vivem no território da paróquia para a sua participação na comunidade e oferecer uma formação que capacite para a missão evangelizadora.

Proporcionar a renovação da diocese para que seja uma autêntica comunidade em que cada um dos batizados se reconheça a viver a comunhão e a participar na missão evangelizadora da Igreja. Para isso, é necessária a reflexão de todos.

Urge escutar o apelo à Nova Evangelização com novo ardor, novos métodos e novas linguagens.

Esta missão evangelizadora realiza-se na edificação da comunidade cristã através da catequese, da celebração litúrgica e da partilha fraterna e também na presença no meio do mundo, oferecendo, em diálogo sereno e convicto, o testemunho do Evangelho.

Em cada paróquia, deve-se proporcionar os meios para ir ao encontro de todos os batizados e oferecer-lhe a formação necessária para a sua integração na comunidade cristã.

Oferecer espaços de escuta e de diálogo com os que estão fora da Igreja mas interessados na sua renovação.

Qual o itinerário da caminhada?

Ano de 2019/2020 – Convidou-se os grupos, movimentos, instituições eclesiais e pessoas de fora da Igreja a auscultarem os Sinais dos Tempos.

Outubro 2020 – Assembleia diocesana que se pronunciou sobre os temas a reflectir para renovar as comunidades cristãs e responder aos Sinais dos Tempos.

Na cultura contemporânea a que pertence, a Igreja deve ser evangelizadora, missionária e em permanente diálogo com o mundo;

Diante da análise social e económica, a Igreja deve ser missionária, em permanente diálogo com o mundo, integradora, que escuta o grito dos que sofrem.

Na sua identidade espiritual e religiosa, a Igreja deve ser evangelizadora, missionária, comunitária e participativa.

Ano de 2020/2021 – Reflexão nos grupos, movimentos, instituições eclesiais, organismos pastorais e conselhos pastorais e pessoas

de fora da Igreja dos seguintes temas:

- Igreja evangelizadora
- Igreja em diálogo com o mundo Igreja comunitária que promove carismas e ministérios.

Ano de 2021/2022 - Reflexão nos grupos, movimentos, instituições eclesiais, e pessoas de fora da Igreja dos seguintes temas:

Igreja missionária

Igreja pobre com os pobres

Ano 2022 – Assembleia diocesana que analisará as propostas e pronunciar-se-á sobre o futuro.

Oração pela caminhada sinodal na Diocese de Angra

Senhor, Pai Santo,
que colocaste no mundo, como fermento,
a força do Evangelho;
concede à tua Igreja de Angra, nos Açores
convocada em teu nome
para a caminhada sinodal,
a graça de progredir no amor e na unidade,
de se renovar na diversidade das suas comunidades,
movimentos e instituições;
de modo que seja sempre instrumento
da presença de Jesus Cristo no mundo.

Que pela ação do Espírito Santo
perdure até ao fim na nossa comunidade diocesana
a integridade da fé,
a santidade de vida,
e a caridade fraterna.

Que nos guie neste caminho
o Beato João Batista Machado, nosso padroeiro
e nos acompanhe sempre o amor maternal da Virgem Maria,
Mãe e Rainha dos Açores.

Nós Te pedimos por Cristo, Senhor Nosso.

Ámen.

CALENDÁRIO 2021 / 2022

SETEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

OUTUBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	5	F	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

NOVEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
	F	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

DEZEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			F	2	3	4
5	6	7	F	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	N
26	27	28	29	30	31	

JANEIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
						F
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28					

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

ABRIL						
D	S	T	Q	Q	S	S
				1	F	3
P	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
F	26	27	28	29	30	

MAIO						
D	S	T	Q	Q	S	S
						F
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

JUNHO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	R	7	8	9	F	11
12	13	14	15	F	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

JULHO						
D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

AGOSTO						
D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	F	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
29	29	30	31			

NOTAS PESSOAIS

Coordenação:
Vigário Geral da Diocese de Angra

Paginação e Design:
União Gráfica Angrense Unipessoal, Lda.

Desenho de capa:
Gonçalo Brum

4.000 exemplares
Angra do Heroísmo – Terceira – Açores

Julho 2021



São José,

*dado como pai ao Filho de Deus,
tu és bendito entre todos os homens
e bendito é Jesus,
o fruto da sua virginal esposa.
Tu que foste o guarda fiel
do nosso Salvador e da Virgem Maria,
Sua Mãe Santíssima,
roga por nós
nos nossos problemas de saúde,
de família e de trabalho
até aos nossos últimos dias.
Obtém-nos do Senhor
a graça de um espírito recto,
de um coração puro e casto
para amar cada vez mais Jesus,
Maria e os nossos irmãos
e dá-nos o teu socorro
e protecção na hora da nossa morte.
Ámen.*